

TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM FORMOSA-GOIÁS **Alteração da paisagem e modificação do lugar em decorrência da lógica** **capitalista do espaço**

URBAN TRANSFORMATIONS IN FORMOSA-GOIÁS **Alteration of the landscape and modification of the place due to the capitalist logic of** **space**

João Gabriel Gomes – IFB – Brasília – Distrito Federal – Brasil
profjoagms@gmail.com

RESUMO As transformações do espaço urbano são um dos grandes temas discutidos na Geografia. Em sua maioria, esses debates giram em torno das grandes e médias cidades, marginalizando as cidades pequenas. Entretanto, várias das interações sócio urbanas presentes nas grandes metrópoles, bem como as relações dos cidadãos, são reproduzidas em menor escala nas pequenas cidades. Deste modo, o presente artigo busca trabalhar possíveis alterações nos espaços urbanos de Formosa –GO, um cidade interiorana que apresenta relações urbanísticas de grandes centros com alterações em percepção de escala. O artigo aborda um recorte temporal dos anos de 2015 até 2021 buscando entender os autores responsáveis pelas transformações nas paisagens e nos lugares do urbano formosense. Ademais, parte de um profundo levantamento teórico e utiliza como método o materialismo histórico geográfico presente em Harvey.

Palavras Chave: Urbano; Paisagem; Lugar e Capital.

ABSTRACT The transformations of urban space are one of the major themes discussed in Geography. Most of these debates revolve around large and medium-sized cities, marginalizing small cities. However, several of the socio-urban interactions present in large cities as well as the relationships of city dwellers are reproduced to a lesser extent in small cities. Thus, this article seeks to work on possible changes in the urban spaces of Formosa – GO, an inland city that presents urban relations in large centers with changes in the perception of scale. The article discusses a time frame from the years 2015 to 2021, seeking to understand the authors responsible for the transformations in the landscapes and places of the Formosan urban. The article starts from a deep theoretical survey and uses as a method the historical geographic materialism present in Harvey.

Keywords: Urban; Landscape; Place and Capital.

INTRODUÇÃO

O urbano se apresenta como processo de modificação da configuração das cidades, estas sendo modificadas em função dos vários agentes deste espaço. As alterações

contidas no cenário das cidades possibilitam a formação das inúmeras paisagens a ela atribuídas, as quais permeiam lugares dotados de significados e simbolismo. Contudo, podemos atribuir à espacialidade das paisagens urbanas uma marca histórica que demonstra a vivência dos homens. Deste modo, para Callai (2013, p.51), a paisagem resulta da história que os homens daquele lugar vão produzindo ao viverem e nesse sentido o jogo de forças é permanentemente presente, seja a nível interno do lugar, seja a partir da relação global local. Tais jogos de força hoje atribuídos a uma lógica especulativa da esfera privada, assim em decorrência da apropriação capitalista as cidades sofrem transformações, não necessariamente em função da ação social dos sujeitos, mas da ação do capital, ocasionando as intensas transformações no cenário urbano e na vida dos sujeitos nele inserido.

As profundas transformações que as cidades sofrem tendem a possibilitar a formação de um novo cenário que retrata não apenas a história daquele lugar, mas as vivências dos sujeitos deste espaço, constituindo assim um “mosaico urbano”. Ora se apresenta fragmentado, mas reciprocamente articulando em uma dualidade pautada na ação social dos sujeitos modificadores do urbano. Deste modo, esta fragmentação com suas múltiplas articulações formam a totalidade urbana. A (re) produção do espaço urbano é formada através de um conjunto de ações e conjuntos de objetos interagindo dialeticamente, o que para Carlos (2013, p.95), funda-se, na contradição entre a produção social da cidade e a sua apropriação privada. Portanto, a existência da acumulação apoiada em uma sociedade de classes e a constituição do espaço como valor de troca geram as lutas pelo “direito a cidade”, pela não alteração dos sentidos dos lugares e a não modificação dos reais cenários das diversas paisagens urbanas. Sendo assim, neste trabalho busca-se contemplar a compressão da modificação urbana em Formosa - GO, em função de dois autores: os sujeitos modificadores do espaço e a lógica capitalista de produção do urbano (esfera privada).

Para além, desprende-se de investigações acerca do urbano, realizadas ao longo dos anos de 2014 a 2021, com um recorte espacial entre os anos de 2015 e 2020. Utilizou-se como referencial metodológico o materialismo histórico e geográfico presente nas obras

de Harvey (1984, 2006, 2011) e um levantamento bibliográfico que permitisse a compreensão da realidade deste espaço.

O URBANO: PRIMEIROS DIÁLOGOS

A cidade no século XXI constitui uma das parcelas mais importantes de representação da ação humana e é dentro deste cenário que a expressão das relações humanas atua dialeticamente formando o que chamamos hoje de espaço urbano. Tal processo é marcado pelas intensas transformações sociais e econômicas, através da tecnificação. Segundo Ana Fani (2008, p.84): O urbano é um produto que pode ser visto como processo de produção num determinado momento histórico, não só no sentido que se refere à determinação econômica do processo (produção, distribuição, circulação e troca), mas também através da formação econômica e social. Desta forma, podemos ver o urbano além de um modo de produzir, será também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim, é um modo de vida o qual está relacionado a todas as alterações do espaço, em específico do espaço urbano.

Será dentro do espaço urbano que as expressões da ação humana se intensificará, através das relações e das trocas que marcam tal cenário. Assim, o urbano pode ser compreendido como produto da produção e reprodução da ação humana, sendo um produto histórico ao mesmo tempo em que é realidade presente e imediata, contudo seria impossível pensar o urbano sem ação social. De acordo com Castoriadis (1987, p. 288: “O homem só existe na e pela sociedade – e a sociedade é histórica. A sociedade como tal é uma forma, e cada sociedade dada é uma forma particular e mesmo singular. A forma implica a organização”.

“A forma de organização da sociedade incide lugares únicos dentro da própria organização espacial materializada nas cidades, lugares que se desenvolverão atividade pelo cotidiano” (GOMES; BRITO, 2014, p. 04), “a organização espacial é a expressão material do homem, resultado do trabalho social” (CASTROGIOVANNI, 2012, p. 55) que resulta em todas as expressões simbólicas constituídas na cidade. Entretanto, de acordo

com Carlos (2008 p.21), “a compreensão do urbano, que se propõe, deve emergir de uma reflexão dos dados postos pela vida cotidiana a partir da elaboração de um modo de análise urbana” assim compreender como se dá a organização do espaço, suas (re) produções através da ação social e cotidiana, podendo desenvolver questionamentos a cerca do urbano; dentro da cotidianidade nós percebemos as intensas alterações do urbano? Como estas alterações implicam na vida de cada um? Deste modo, desenvolver a problemática posta como eixo principal deste trabalho, como se dá a percepção dos moradores em relação as transformações da paisagem urbana, e como estas transformações afetam o lugar de cada um, contudo não caberia a nenhuma outra análise se não a geografia urbana para responder tais indagações, através da cidade como seu principal objeto.

Neste sentido, busca-se compreender as cidades com bases nas reflexões em Lefebvre (1991, p.04) sendo estas os “centros da vida social e política onde se acumulam não apenas riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras”. Assim, a cidade será vista não apenas como materialização do processo urbano, mas como ação/interação da vida social. Contudo, pretende-se trabalhar em uma abordagem que se aproxime do pensamento de Raquel Rolnik (1995), compreendendo a cidade como um imã, que sustenta um campo magnético o qual atrai, reúne e concentra os homens. Neste viés Sposito, E. (2013) relata que para compreendê-la (a cidade) não basta apenas observar ou nela viver, é necessária a verificação de sua dinâmica, de sua história, e de sua geografia, ou seja, é necessário compreender todas as suas facetas, fruto de um longo desenvolvimento de tempo e espaço.

Ainda na concepção do mesmo autor Sposito, E. (2008), a cidade será vista como fenômeno complexo e em movimento, assim será território de constantes transformações, as quais modificam sua forma, suas funções e suas estruturas, implicando diretamente no cenário urbano e no lugar dos agentes que a constitui. Tudo isso atualmente atribuído a uma lógica capitalista com a esfera privada sendo uma das forças motrizes, portanto seria possível pensar em uma nova busca pelo habitar? Visto que segundo Buttimer, (1985, p.166) “habitar implica mais do que morar, cultivar ou

organizar espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza”, nesse sentido Erminia Maricato (1997), relata que;

As cidades não são apenas reflexos do que se passa na sociedade, são bem mais que um mero cenário passivo, onde os conflitos, a cultura se expressam. Os espaços urbanos não se limitam também a ser locais ou palcos da produção industrial, da troca de mercadorias, ou lugares onde os trabalhadores vivem. Eles são tudo isso e muito mais; são produtos: edifícios, viadutos, ruas, placas, postes, árvores, enfim, paisagem que é produzida e apropriada sob determinadas relações sociais." (MARICATO, 1997, p.42)

Desta maneira, a mesma autora Maricato (1997, p.42) “a cidade é objeto e também agente ativo das relações sociais” onde o habitar às vezes é barrado ou apropriado pelo capital, proporcionando a fragmentação do espaço urbano, ao mesmo tempo em que os fragmentos compõem a totalidade.

Alterações do Urbano: Fragmentação e articulação

Começamos este diálogo através da compreensão de Corrêa (1993, p. 07), de que o “espaço urbano é o processo simultaneamente fragmentado e articulado” sendo este o conteúdo da prática sócio-espacial a qual lhe dá forma, função e conteúdo, deste modo à cidade se transforma no lócus da ação, (re) produção humana, onde a articulação e fragmentação se encontram presentes em todas as ações da vida cotidiana, assim conforme as cidades se desenvolvem e crescem, as realidades urbanas nos coloca diante de problemas cada vez mais complexos, possibilitando com que façamos questionamentos de como ocorre fragmentação sócio-espaciais dentro de uma lógica capitalista a qual ao mesmo tempo em que cria conexões como uma rede no espaço, suprime as relações humanas, ou seja, como o espaço urbano ao mesmo tempo em que é articulado ele se torna fragmentado a lógica do capital?

Desta maneira a produção do espaço urbano será vista como condição de reprodução da vida social, regida pela lógica espacial capitalista de produção do urbano, assim será dentro do urbano que as relações sociais se tornaram visíveis, porém submetidos a uma

lógica de acumulações desiguais, é através deste dinamismo que se formam os espaços desiguais, deste modo Fani (2011) considera que o espaço torna-se mercadoria, fazendo com que o uso (acesso necessário à realização da vida) fosse redefinido pelo valor de troca. Através da produção do espaço que se insere na lógica da produção capitalista a qual transforma toda a produção em mercadoria (CARLOS, 2011, p.60).

A produção espacial transformada em mercadoria possibilita a fragmentação da cidade em porções, valorizando a esfera privada, desta maneira a medida que a cidade cresce aumenta-se as apropriações do capital através da esfera privada, onde o espaço se torna mercadoria e “a dominação social se dá também através do espaço urbano, em especial a dominação ideológica, aquela que se oculta ao olhar do dominado” (MARICATO, 1997, p42). A ação dominante do espaço-capital (mercadoria da esfera privada) possibilita condições para formar espaços segregadores dentro de uma sociedade capitalista os quais surgem através das intensas e constantes modificações da cidade, assim o espaço urbano se torna relativo e propício à segregações, a modificações a alterações tanto em um sentido mais amplo como no que diz respeito às formas intra urbanas, deste modo Sposito (2011) revela que,

A segregação socioespacial e sua forma mais avançada e complexa de expressão, a fragmentação socioespacial, são, contraditoriamente, os processos que negam e redefinem a centralidade. Transformam-na em centralidade segmentada social e funcionalmente, dispersa no território e difusa na representação que elaboramos sobre a própria cidade e sobre a rede urbana, visto que a centralidade pode ser compreendida e apreendida em múltiplas escalas. (SPOSITO, 2011 p. 138)

Deste modo os espaços de contradições se revelam nas cidades, onde o capital modifica diretamente a vida cotidiana dos moradores suprimindo o direito à cidade de cada um, tendo a segregação como negação do modo de vida urbana. Para Moreira, (2011, p. 96) “A urbanização comprime e aproxima os espaços” ao mesmo tempo em que distancia as relações sociais dos agentes de tal espaço, desta maneira Santos (2012, p. 32), relata que “o espaço é manipulado para aprofundar as diferenças de classes. Essa mesma evolução acarreta um movimento aparentemente paradoxal: o espaço que une e separa os homens”. Estas separações muitas vezes nítidas nas paisagens da cidade, onde o

capital através da especulação dita as porções do espaço que cada sujeito terá condição de habitar, neste sentido Doxiadis (1966) diz que; na particularidade urbana “enquanto as cidades crescem a distância entre os homens aumenta” proporcionando claramente a perda de vínculo com o lugar e as segregações, conforme se desenvolvem o crescimento urbano os espaços se articulam ao mesmo tempo em que se fragmentam.

O capital na forma de propriedade privada tende a homogeneizar os espaços, desterritorializar os sujeitos de forma o qual os mesmo percam seus vínculos com o lugar, sendo obrigados a residirem outras parcelas da cidade, assim as cidades começam formar um mosaico social, o qual é composto por vários sujeitos em diferentes condições socioeconômicas, sendo produzido em parcelas pela ação ou inação do Estado, do mercado imobiliário e sobretudo pela ação dos agentes dominantes e dominados. Para Vasconcelos et al. (2013, p.8) “Há um mosaico social na cidade, com distintas formas e conteúdos. Os preços da terra, a expressão cabal da valorização da propriedade fundiária, e a proximidade dos centros de negócios – área central subcentro e áreas especializadas”-, deste modo estas áreas desempenham papéis fundamentais não apenas na estruturação urbana mas na condição fundamentalista desse mosaico social.

Assim podemos atribuir a fragmentação como uma possibilidade de descrever a heterogeneidade das cidades atuais, levando sempre em considerações as relações existentes entre diversos lugares, as articulações dentro da própria fragmentação tal como as fragmentações dentro das articulações, a fragmentação urbana não se apresenta apenas nas segregações socioespaciais e nas relações de sujeitos ou como forma de exclusão do seu espaço urbano, a fragmentação extrapola o limite da segregação social sendo uma propriedade de valorização do capital em sua forma mais ampla, onde o capital especulativo produz e reproduz espaços urbanos chegando a sua forma mais avançada e complexa em dividir tais espaços em suas funções, assim não é estranho encontrar diversas cidades divididas por setores de serviços (setor de oficinas, setor bancário, setor de comércio) como forma de organização espacial em função do capital.

Dentro da fragmentação espacial urbana a centralidade deixa de ser supressumo das relações capitalistas da cidade, assim cada fragmentação será articulada à lógica global criando uma rede de relações e uma troca simultânea de ações. As fragmentações em seu conjunto representam um todo, sendo a totalidade das cidades. E dentro desta totalização vários cenários se formaram gerando novas paisagens e produzindo novos lugares.

Transformações da paisagem urbana

A paisagem enquanto categoria de análise geográfica esboça inúmeras cargas de elementos atribuídos a um processo histórico local, tudo isso adjudicado ao espaço, que se torna para Santos (2012 p.10) “uma acumulação desigual de tempos”, assim “a fluidez das paisagens muda a organização do espaço e a forma de percepção do mundo do geógrafo” (MOREIRA, 2011, p. 22) o qual passa a observar as diversas formas de técnicas e movimentos que dinamizam a paisagem em seus períodos históricos, através de um olhar mais perceptivo o geógrafo analisa o que de fato acontece em tal cenário, contudo compreende que a forma não é o ponto de chegada da análise, mas sim a partida.

Dentro de um contexto urbano “a paisagem criada se distancia da paisagem natural numa extensão que é proporcional ao nível da técnica usada” (MOREIRA, 2011, p. 42) deste modo é notório que conforme a sociedade se modifica e altera o uso de suas técnicas a paisagem também se altera desta maneira é necessária uma análise coerente com a realidade, pois à medida que a paisagem engloba as técnicas ela se torna seletiva, a qual pode segregar, aproximar e dividir várias facetas de um mesmo espaço. Neste aspecto a compreensão da seletividade da paisagem é uma das necessidades para que a geografia se mantenha enquanto ciência.

“Como forma de manifestação do urbano, a paisagem (urbana) tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência” (CARLOS, 2008 p. 43) a compreensão da paisagem vai além da compreensão das formas,

é necessário compreender os sentidos, as funções e as estruturas que implícitas naquela organização, porém como compreender tais alterações em um espaço com uma alta dinâmica de modificação (como a cidade, por exemplo?). Assim será necessário não apenas apreciar a paisagem urbana mais analisar todo o seu processo de formação e transformação, com tudo à medida que as cidades crescem novas paisagem são criadas em função de uma organização espacial, tal organização resultará em um produto (podendo ser atribuído este pensamento à cidade como um dos produtos da organização humana) o qual será constituído de várias formas e estruturas. Deste modo Ana Fani (2007, p.33) aborda a ideia de paisagem dentro de uma perspectiva geográfica, liga-se (a cidade) ao plano do imediato, sendo a própria produção do espaço analisado como produto das transformações que a sociedade humana realiza a partir da natureza, assim o estudo geográfico na cidade terá como aporte determinados momentos do desenvolvimento das forças produtivas sob uma lógica capitalista que atua com base em múltiplas formas tanto de uso como de consumo, seja estas formas através da construção da moradia, do lazer, das atividades de trabalho.

Isto porque toda a natureza transformada pela ação do homem ao longo de um processo histórico surge através de apropriações do espaço os quais são visíveis na paisagem, reproduzindo uma história e desenvolvendo as concepções do homem sobre habitar, morar, trabalhar e viver, deste modo Carlos (2007, p.33) relata que “a paisagem, contém mistérios, beleza, sinais, símbolos, alegorias, tudo carregado de significados; memória, que revela múltiplas impressões passadas, imagens impregnadas de história”. Assim as paisagens têm um papel fundamental além daqueles atribuídos as suas formas, tem um papel de revelar a história ao domínio do visível (através da memória dos sujeitos), dando-nos possibilidades para se pensar em uma obra coletiva, portanto a paisagem nada tem de singular, será a coletividade que formará o seu composto.

As paisagens revelam histórias, sendo formas contidas no tempo retratadas muitas vezes nas cidades, assim determinados paisagens de uma cidade pode revelar a sua história e origem, deste modo a memória dos lugares ficam contidas nas paisagens onde

para Abreu (2011, p. 21) o passado será visto como uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, nessa perspectiva Ana Fani (2007) relata que;

As marcas do tempo, impressas na paisagem, inscritas nas formas da cidade, reproduzem a condição da constituição da humanidade do homem, revelando uma construção histórica cheia de arte e lembranças, fáceis de serem identificadas no lugar por aqueles que nele vivem, na medida em que o lugar é o espaço da vida. Nesse sentido, a leitura dos segmentos da paisagem permite que se contemple a paixão que move a criação humana, uma vez que o trabalho é criador de formas. (CARLOS, p. 33).

Contudo pretende-se desenvolver uma leitura sobre a ótica da paisagem a qual de fato revela não apenas as suas formas e estruturas, mas também a suas funções, para isso não podemos deixar de lado ou simplesmente ignorar o fato da cidade exercer constantes expressões de modificações, sendo quase uma fala urbana, deste modo Lefebvre (2001, p. 70 - 101) aborda a existência da fala da cidade, sendo aquilo que acontece na rua, nas praças, nos vazios, aquilo que aí se diz. O que possibilita a existência da língua da cidade sendo representada pelas particularidades próprias de tal cidade e que são expressas nas conversas, nos gestos, no diálogo, nas roupas, nas palavras e nos empregos das palavras pelos habitantes (atribuo este último pensamento a quase uma culturalidade regional, formando a pluralidade cultura nacional), existe ainda a linguagem urbana, que se pode considerar como uma linguagem de conotações e finalmente a escrita da cidade, é tudo aquilo que se inscreve e prescreve em seus muros, nas disposições dos lugares, nas formas da paisagem e no seu encadeamento, em suma, o emprego do tempo e das expressões temporais pelos seus habitantes, demonstrando que a cidade ela não é apenas uma linguagem, mas uma prática. Assim negligenciar as constantes comunicações que a cidade nos passa é negligenciar toda a paisagem, as memórias ali atribuídas, os sujeitos deste espaço, e negligenciar toda ação/transformação urbana.

Modificação no uso do lugar

A compreensão de espaço geográfico enquanto produto histórico social cria possibilidade para que o geógrafo desenvolva análises das relações sociais a partir da materialização do espaço nas cidades, assim desenvolver questionamentos como; quais relações são criadas com o espaço, a ponto dele se tornar um lugar? Quem são os sujeitos deste lugar? E como eles desenvolvem suas relações neste mesmo espaço? Deste modo podemos dizer que as relações sociais se desenvolvem entre uma articulação espaço e tempo através do mundo vivido e experimentado dos sujeitos em concretude das cidades. Nesta perspectiva o lugar será visto como “o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido, do experienciado” (CAVALCANTI, 1998, p. 89). Portanto liga-se ao modo da realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações, assim a produção do lugar se apresentaria como forma de transformação social, na medida em que a sociedade é constituída de lugares e os lugares necessitam das relações sociais para existirem, o que estabelece uma relação recíproca entre lugar/sociedade e sociedade/lugar.

Deste modo Ana Fani (2007, p. 44) relata que o lugar é visto como a porção do espaço apropriado para a vida, o qual envolve e define o ato de morar que tem a casa como o centro, mas que a partir dela vai ganhando significados dados pelas suas articulações com os bairros, com as praças com as ruas, através do movimento da vida. Tudo isto inserido dentro da cotidianidade do lugar, neste processo vão se identificando os lugares da vida sempre correlatos com outros lugares. Assim podemos analisar o processo de produção do lugar adjudicado ao processo histórico de produção do espaço urbano, no caso específico o espaço urbano de Formosa Goiás.

Neste sentido teremos o modo de produção do espaço urbano juntamente com análises do lugar como formar de aproximação da realidade social vivenciada pelos sujeitos daquele espaço, contudo seria possível identificar as modificações do lugar, tanto no que se refere ao uso, quanto aos sentidos através da cotidianidade de cada sujeito? Partindo desta premissa o lugar será visto como produto modificado pela experiência e as relações com o sujeito, de relações com o mundo, com múltiplas sensações e ações e

por consequência com a identificação sobre o mundo vivido. Assim Carlos (2007, p.44) relata que o lugar vai ganhando significado no espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, de ir às compras, o ato de caminhar, as ações que marcam os encontros com os conhecidos que permite os jogos, as brincadeiras, dando sentido ao ato de habitar, enfim as relações do cotidiano, portanto o lugar é “um centro de significados construído pela experiência. Trata-se, na realidade, de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro”. (TUAN, 1975, p. 152)

Porém os sujeitos inseridos dentro desta cotidianidade visualizam as alterações existentes tanto no lugar, como no espaço, na paisagem? E quais são as ações dos sujeitos em decorrência dessas modificações? Serão questões como estas que irá reger toda a problemática do trabalho. No próximo tópico procura-se desenvolver uma análise sucinta sobre o processo histórico de formação do espaço urbano de Formosa Goiás até os dias atuais, e caracterizar o objeto de estudo do respectivo trabalho, assim seguimos ao próximo tópico.

A PRODUÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO URBANO DE FORMOSA-GO: DE ARRAIA DOS COUROS A UMA FUTURA VERTICALIZAÇÃO?

Existem diversas teorias sobre o processo de formação do espaço urbano de Formosa-GO, ocasionando com que existam contradições em seu processo histórico. Deste modo alguns autores apresentaram incongruências a respeito do mesmo fato, porém optou-se por demonstrar a teoria daqueles que se apresentaram mais pontual em suas bases de dados.

De acordo com Chauvet (2005) em seu livro intitulado “Brasília e Formosa 4.500 anos de história”, a cidade de Formosa – Goiás surgiu como arraial dos couros por volta do século XVII quando Goiás ainda era parte da capitania de São Paulo, cabe ressaltar que antes de Goiás fazer parte da capitania de São Paulo, fazia parte da capitania da Bahia, na época denominada capitania de Porto Seguro. Assim em fevereiro de 1736, foi aberta

a estação fiscal denominada de registro da Lagoa, a qual segundo Lucas (2014, p.7) por ordem do rei de Portugal foi desenvolvida para recolhimento de impostos, local o qual mais tarde passa a ser conhecido como estrada colonial do Planalto Central ou segundo o mesmo autor (2013) estrada geral do sertão como também era conhecida.

Segundo Chauvet (2005), o primeiro relato documental da região do município de Formosa Goiás é a doação das sesmarias a Manoel D'Almeida em meados de 1739, após Manoel mais de 20 pessoas receberam sesmarias no local do município entre os anos de 1739 e 1804, vale ressaltar que no ano de 1749 ocorre instalação do povoado Arraial de Couros, o qual posteriormente se tornaria o município de Formosa, a denominação da nomenclatura vem da influencia da agropecuária na economia da época, assim no final do século XVII, negros já povoavam a região, tanto próximo à Lagoa Feia, aonde chegaram a estabelecer a sede do Arraial dos Couros, quanto próximo da cachoeira do Itiquira com o rio Paranã estabelecendo-se o Arraial de Santo Antônio, o qual veio ser dizimado por uma onda de febre amarela, (LUCAS, 2013).

É importante ressaltar que a Igreja Católica exerceu enorme influência para a apropriação do espaço onde é atual sede do município de Formosa-GO, ocasionando com que os fiéis se apropriou de porções de terras próximo à Igreja, assim Jacintho (1979), em seu livro "Esboço Histórico de Formosa" cita que foi celebrado a primeira missa no município em 1749, portanto a construção de Formosa se equipara em data a cidade de Luziânia. Entre 1744 e 1749 o padre Antônio Mendes Santiago, do bispado de Pernambuco realizou as primeiras missas na cidade. Em 1767 o padre Antônio Francisco de Melo, este de Santa Luzia (Luziânia), celebra a primeira missa na casa de orações de couros e fica responsável pelas missas locais.

Lucas (2013) resume que em 1749 foi instalado o Arraial dos Couros, em 1834 o mesmo foi elevado à Julgado dos Couros, ou seja, passou a ter um Juiz municipal, Juiz de órfãos e coletor de impostos. Em 1838 elevou-se a categoria de Freguesia *Collativa* com Pernambuco. Em 02 de agosto de 1843 foi elevada a categoria de Vila com o nome de Vila Formosa da Imperatriz, e somente em 07 de setembro de 1877 foi executada a

elevação à categoria de cidade recebendo o nome de Formosa da Imperatriz, sendo esta considerada a terceira grande parte dentro do processo histórico de Formosa Goiás.

A quarta parte da história de Formosa, se dá de acordo com Vieira (2010), no momento da construção da cidade de Brasília. Quando as terras do município são desapropriadas para ceder espaço ao Distrito Federal. Ainda neste momento, o território recebe moradores advindos do nordeste do país os quais trazem consigo a sua força de trabalho como forma de mão de obra para vender em função da construção da capital federal, juntamente com habitantes advindos da região sul do país que se apropriam da região. Deste modo cabe lembrar que em 1863 o Distrito de Mestre D`armas (Planaltina-DF) foi desvinculado do município de Formosa e anexado ao município de Santa Luzia (Luziânia). Demonstrando que o território da atual região administrativa (Planaltina –DF) já esteve anexado à Formosa Goiás.

Ainda de acordo com Vieira (2010), o que impulsionou a evolução intensa em Formosa modificou rapidamente a sua paisagem, foi logo ao início das primeiras obras da construção de Brasília.

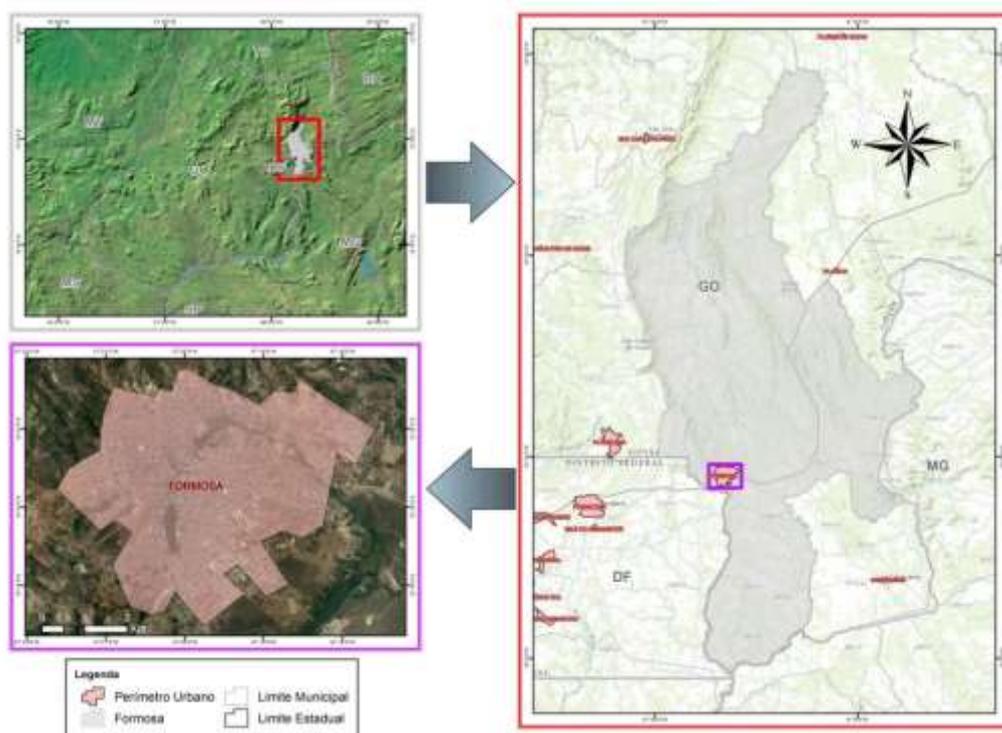
A partir de 1957 algumas obras começaram a mudar o cenário da cidade de Formosa em necessidade da conjuntura do momento, a construção da capital federal do país em tamanha proximidade com Formosa, entre as várias obras realizadas no município neste período destacam-se algumas construções importantes para a época; a construção do Hotel Imperatriz, do Hospital São Vicente, da Usina Hidroelétrica (Deputado João de Abreu), a instalação das agências bancária do Banco do Brasil e do Mercantil, e posterior (por meados de 1960) deu início a construção da Catedral (Nossa Senhora da Imaculada Conceição), tais obras deram início a configuração territorial do espaço urbano de Formosa-GO visto que algumas destas obras ainda se mantêm quase sem modificações ao longo do tempo, sendo uma marca da resistência da memória do cidadão Formosense ao longo do tempo.

Desta maneira o desenvolvimento urbano do município prosseguiu ao longo do tempo, dando espaço a atual configuração, atualmente o município de Formosa tem uma área

de 7.200 km², com seu relevo formado por extensos chapadões e terras vermelhas, tendo ainda variações com lugares baixos e planos elevados (VIEIRA, 2010).

Formosa possui uma população estimada de 123.684 habitantes, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimativas de 2020 (IBGE, 2021) A economia do município é predominantemente voltada ao setor de serviços. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) do ano 2010 é de 0,744, considerado de médio desenvolvimento humano, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano do ano 2013 realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil (PNUD, 2013), ainda não apresentando atualizações. O município se enquadra na mesorregião do Leste goiano e na microrregião do Entorno de Brasília (Figura 1). A sede do município se localiza a 79 km da Capital Federal e a 280 km de Goiânia, a capital do Estado. O município juntamente com outros municípios do entorno do Distrito Federal faz parte da RIDE (Região de Desenvolvimento Integrado do Distrito Federal e Entorno).

Figura 1 – localização do município de Formosa-GO.



Fonte: Gomes; (2015).

Identificamos aqui a expansão e seus contrastes urbanos em dois bairros principais (Setor Imperatriz Sul e Condomínio Santa Felicidade); faremos um recorte espacial para facilitar a compressão da expansão urbana sobre a égide do capital e possíveis alterações no espaço urbano entre 2015 e 2020.

O Setor Imperatriz, Setor Sul e o Condomínio Santa Felicidade, os quais constituem o foco do objeto de estudo, estão localizados na saída sul de Formosa-GO, as margens da Avenida Tancredo Neves, saída para Brasília-DF sentido BR. 020, segundo Gomes e Brito (2014);

O Setor Imperatriz é um setor marginalizado e estigmatizado da cidade, lugar com pouca iluminação e difícil acesso, contém ruas estreitas com algumas ainda não asfaltadas e não possuem rede de esgoto, tendo uma grande densidade demográfica por percentual de habitantes, grande número de crianças, as quais sofrem por falta de escolas próximas, áreas de lazer e atendimentos médicos, entre outras coisas. (p. 229)

Em contra partida o Condomínio Santa Felicidade, representa outra parcela da sociedade Formosense, assim conforme Gomes e Brito (2014);

condomínio horizontal mais caro do município, o que revela o grande contraste urbano existente neste setor, de um lado da Av. Tancredo neves se encontra o condomínio “Santa Felicidade”, o lugar com o metro quadrado mais caro do município com direito a moradia extremamente restrita aos donos dos meios de produções e aos latifundiários, local criado para a classe dominante a qual detém o capital (GOMES; BRITO, 2014, p. 230)

Enquanto do outro lado da avenida está localizada a classe operária. Esta contradição socioespacial nos revela o verdadeiro contraste urbano existente no cenário do município de Formosa-GO, o qual faz parte do objeto de estudo da pesquisa representado em um recorte espacial na figura 02.

Figura 2 – Delimitação do objeto de estudo.



Fonte: Google Earth (2014) / A delimitação da área está demarcada no contorno de linha azul.

Contudo a produção do espaço urbano de Formosa Goiás pauta-se na contradição entre dois agentes espaciais: a produção social da cidade e a sua apropriação privada. Possibilitando a formação de um mosaico urbano com inúmeros contrastes em suas paisagens e cenários, aprofundamento nas disparidades e na espacialidade urbana junto com a não formação de novos lugares pelos sujeitos submetidos por esta lógica, sendo a cidade produto e objeto destas transformações conforme representado na figura 03.

Figura 3 – Alterações no cenário urbano.



Fonte: Google Earth (2021) / A delimitação da área está demarcada no contorno de linha azul.

Ao comparar as figuras notam-se profundas alterações nas paisagens e em seus sentidos, um destaque maior para a expansão urbana dentro do Condomínio Santa Felicidade quando em comparação com o Setor Imperatriz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expansões urbanas presentes no cenário da maioria das cidades brasileiras são decorrentes das forças expansivas do capital também denominada de especulação. É notório como essas forças se apropriam dos espaços ao mesmo tempo em que transforma em capital mercadoria. Muda a essência dos lugares, transformam as paisagens e tiram os sentidos, os pertencimentos, uma total desterritorialização.

Nota-se que essas expansões respeitam uma lógica: à valorização dos espaços ao mesmo tempo em que agrupo e segrega classes inteiras. Assim, tudo vai sendo deteriorado pelo avanço da ocupação urbana. Transformando lugares em locais, vegetações em malhas de concreto e criando paisagens desprovidas de sentimento. Ao mesmo tempo em que as memórias se perdem em um período totalmente efêmero.

Destaca-se aqui a forte expansão urbana no Condomínio Santa Felicidade em detrimento ao Setor Imperatriz, demonstrada anteriormente pelas imagens expostas no

corpo do trabalho. O que nós permite considerar que o capital só respeita a lógica de acumulação. E quando falamos em acúmulo nas áreas urbanas podemos destacar o crescimento vertical, esse que acontece depois da ocupação de todos os espaços vazios, sendo o próximo passo do capital especulativo urbano de Formosa-GO.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Sobre a Memória das Cidades. In: / CARLOS, Ana Fani. SOUZA, Marcelo Lopes de. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs), **A Produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafio**, São Paulo: Contexto, 2011, 234 p.

BUTTNER, A. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. 1985. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo- SP: DIFEL, 1985, 318 p.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123 p.

CARLOS, A. F. A. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**, 1º Ed. –São Paulo – SP; Editora da Universidade de São Paulo, 2008, 270 p.

CARLOS, A. F. A. Da “Organização” à “Produção” do Espaço no Movimento do Pensamento Geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUZA, Marcelo Lopes de, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs) **A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios**, - São Paulo: Contexto, 2011, 234 p.

CARLOS, A. F. A. A Prática Espacial Urbana como Segregação e o “Direito à Cidade” Como Horizonte Utópico In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida, CORRÊA, Roberto Lobato, PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs), **A Cidade Contemporânea: Segregação Espacial**, - São Paulo: Contexto, 2013, 206 p.

CALLAI, H.C. Estudar a Paisagem para Aprender Geografia. In: Pereira, M. G. (Org.). **La Opacidade Del Paisaje: formas, imágenes y tempos educativo**. Porto Alegre: imprensa Livre, 2013, p. 37-54.

CASTORIADIS, C. **As Encruzilhadas do Labirinto I**. Tradução de Carmen Sylvia Guedes e Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 288 p.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apresentação e Compreensão do Espaço Geográfico. 2012. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos/ CALLAI, Helena Copetti/ KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia: prática e textualizações no cotidiano**, 10º Ed.- Porto Alegre: Medição, 2012, 144 p.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimento**, 18° Ed. – Campinas-SP; Papirus, 1998, 192 p.

CHAUVET, G. **Brasília e Formosa: 4.500 anos de história**. Goiânia. Ed. Kelps, 2005, Coleção Brasil 500 Anos.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: editora Ática, 1993, 95 p.

DOXIADIS, C. 1966. **Between Dystopia and Utopia**. Harford, Connecticut, The Trinity College Press.

GOMES, J. G., BRITO, G. Q. , **A Cidade Como Espaço de Vivências: novas perspectivas para se pensar a prática de ensino em geografia**. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória- ES, 2014, Anais... Vitória- ES: AGB, 2014

GOMES, J. G., BRITO, G. Q. : **A Paisagem, o Lugar nas Manifestações Culturais Existentes no Monumento do Cristo de Formosa-GO**. In: Encontro Regional de Geografia: Geografia e Redefinições Territoriais do Cerrado, 13, Anápolis, 2014. **Anais...** Goiânia: Kelps, 2014. Disponível: <<http://www.agbgoiania.com/publicacoes/>>. Acesso em: 14 Nov. 2014.

HARVEY, D. On the History and Present Condition of Geography: An Historical-Geographical Materialist Manifesto. **The Professional Geographer**, v.36, n.1, 1984.

HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Anna Blumme, 2006.

HARVEY, D. **O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (2011). **Operação censitária**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/guia_do_censo_2010_operacao.php>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE- cidades (2021). **Operação censitária**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/formosa/panorama>> Acesso: dia 08 de Maio de 2021.

JACINTHO, O. **Esboço Histórico de Formosa**, 2° Ed. Brasília: Editora Independente, 1979.

LEFEBVRE, H. **O direito à Cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991, 145 p.

LUCAS, S. **A Igreja Católica e suas influencias no desenvolvimento de Formosa**. Editora Gráfica Ltda, 2013.

LUCAS, S., FREITAS, S. A. **Formosa, Povo, História, Cultura e Artes**. Editora Gráfica Ltda, 2014.

MARICATO, E. **Habitação e Cidades**. 7ª Ed. - São Paulo: Espaço e Debate, 1997, 79 p.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia**: ensaios de historia, epistemologia e ontologia do espaço geográfico, 2º Ed. – São Paulo: Contexto, 2011, 188 p.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD (2013). **Ranking IDHM Municípios 2010**. Disponível : <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>>. acesso em: 23 nov. 2014.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995, 88 p.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 5º Ed. 3º reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, 93 p.

SPOSITO, E. S. **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 2013, 90 p.

SPOSITO, E. S. **Redes e cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, 161 p.

SPOSITO, M. E. B. **A Produção do Espaço Urbano**: escala, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: *A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios*/ CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUZA, Marcelo Lopes de, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs), - São Paulo: Contexto, 2011, 234 p.

TUAN, Y. **Place: anexperiential perspective**. *Geographical Review*, v. 65, n. 2, p. 151-165, 1975.

VASCONCELOS, P. A., CORRÊA, R. L. , PINTAUDI, S. A. (Orgs). – **A Cidade Contemporânea**: Segregação Espacial – São Paulo: Contexto, 2013. 207 p.

VIEIRA, G. J. **Formosa cidade e povo**. Brasília: Teixeira, 2010. Acesso em 18 dez. 2014.

João Gabriel Gomes - Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT do Instituto Federal de Brasília - IFB, licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), pós graduado em Ensino de Geografia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI/ES) e pós graduado em Geografia e Análise ambiental pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) (Lato Sensu). Atualmente trabalha como Orientador Pedagógico e Educacional da Fundação Bradesco unidade de Ceilândia - DF. Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e também como colaborador de pesquisa da Embrapa Cerrados (CPAC). Linhas de pesquisa de interesse: Educação e Ensino

em Geografia, Percepção e Vivência do lugar, práticas de ensino em educação ambiental e modificações da Paisagem Urbana, Produção do Espaço Urbano e Educação Profissional.

Recebido para publicação em 01 de junho de 2021.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2021.

Publicado em 17 de janeiro de 2022.